



2. Rede Social

Paulo Roberto Alves Teles¹

Do mesmo diretor de Clube da luta (Fight club – 1999), A Rede Social (The Social Network – 2010) promove uma leitura do processo de reconfiguração das relações sociais assistido no alvorecer do século XXI. Sua fonte primária se inspira na biografia de Mark Zuckerberg, criador daquela que atualmente se apresenta como maior rede social virtual do planeta, o Facebook.

O filme de David Fincher foi construído a partir de uma adaptação do livro The Accidental Billionaires: The Founding of Facebook (Bilionários por Acaso: A Criação do FACEBOOK - Ben Mezrich, 2010) e conquistou o Oscar de melhor roteiro adaptado, melhor trilha sonora e melhor edição, além de ter sido premiado com o Globo de Ouro (Melhor Filme, Melhor Diretor, Melhor Roteiro e Melhor Trilha Sonora) e o BAFTA (Melhor Diretor, Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Edição) em 2011.

Caracterizado por dirigir filmes que abordam, em perspectivas diferenciadas, as relações entre os indivíduos, e o conflito entre estes e as novas formas de organização social construídas com o alvorecer do século XXI, David Fincher oferece em A Rede Social (2010) uma possibilidade de análise, a partir da história de Mark Zuckerberg, sobre o impacto do surgimento das redes sociais virtuais. Criadas com o intuito de aproximar as pessoas e de tornar acessíveis espaços e grupos antes considerados exclusivos, as redes sociais tem produzido efeitos diferenciados na sociedade contemporânea.

O filme aborda através de flash-backs, a polêmica história de Mark Zuckerberg (Jesse Eisenberg) na construção do Facebook e evidencia o seu complicado relacionamento com outras pessoas, além de sua tentativa de possibilitar uma maior inclusão em espaços antes privativos a partir da criação de uma rede virtual. O enredo apresenta Zuckerberg como um garoto taciturno e de poucos amigos, que busca através da internet se vingar de sua ex-namorada Erica Albright (Rooney Mara) e de grupos sociais que o desprezam e o rotulam como nerd. Para isso, Zuckerberg cria com o auxílio de Eduardo Saverin (Andrew Garfield) o



Facemash, onde ele propicia comparações maldosas e disputas de beleza entre as garotas da universidade a partir de fotos obtidas em sítios de fraternidades existentes no Campus.

Contudo, a ideia que antes se apresentava como infantil, ganha amadurecimento a partir do contato do protagonista com os irmãos Winklevoss (Cameron Winklevoss, Armie Hammer e Tyler Winklevoss, Josh Pence) e resulta na criação do Facebook, obtido a partir de atos possivelmente contestados pelo filme.

A trama ganha contornos conflituosos com o aparecimento de Sean Parker (Justin Timberlake), criador do Napster, o qual encanta Mark Zuckerberg com os seus planos e conquista a oposição imediata de Eduardo Saverin que desejava capitalizar o invento, a partir daí inicia-se uma série de traições que culminam no processo judicial abordado no filme.

Diante disso, a maior contradição apresentada pelo filme consiste em que o criador da maior rede social virtual do planeta é, acima de tudo, uma pessoa solitária. O que nos permite refletir um pouco sobre os efeitos trazidos pelas novas formas de reconfiguração das relações sociais assistidas na modernidade.

Esse processo de reconfiguração estaria relacionado à Globalização, evento muito maior que teria provocado transformações substanciais nas mais diferentes formas de relacionamento da humanidade, além de produzir novas formas de interpretação sobre a realidade espaço-temporal. Para Zygmunt Bauman^{II} a globalização teria transformado as antigas fronteiras geográficas em fronteiras sócio-culturais o que conseqüentemente resultaria numa alteração dos conceitos habituais de distância, proximidade e tempo. Nesse sentido, este fenômeno estaria associado ao enorme desenvolvimento dos meios de transporte assistido nos anos referentes a Revolução Industrial, a qual teria sido também responsável pelo melhoramento das formas de comunicação. De acordo com ele:

[...] Dentre todos os fatores técnicos da mobilidade, um papel particularmente importante foi desempenhado pelo transporte da informação – o tipo de comunicação que não envolve o movimento de corpos físicos ou só faz secundária e marginalmente. Desenvolveram-se de forma consistente meios técnicos que também permitiram à informação viajar independente dos seus portadores físicos – e independente também dos objetos sobre os quais informava: meios que libertavam os “significantes” do controle dos “significados” [...].^{III}



Mesmo assim, o autor não entende esse acontecimento como algo exclusivamente positivo, pois para ele, o excesso de informações que inundam a sociedade diariamente traria prejuízos para o seu processo de esclarecimento. Além disso, a construção de uma nova espacialidade no meio social e a construção de mecanismos que facilitaríamos a informação teriam sido responsáveis pelo afastamento das relações humanas e, por assim dizer, por uma crise nas relações de afeto.

Anthony Giddens^{IV} argumenta que a modernidade e, conseqüentemente a globalização teriam posto em xeque as antigas tradições de ordem social e com isso estabeleceram uma interconexão de pessoas e comunicação. Nesse sentido, para ele seria necessária uma reformulação dos conceitos de tempo e espaço, além de uma nova interpretação sobre a ideia de modernidade. Além disso, as ideias de Bauman e Giddens se aproximam no momento que este argumenta que (...) O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros “ausentes”, localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face (...).^V Isto significa que para ambos os autores a modernidade e a globalização estariam contribuindo para um processo de distanciamento das relações sociais, Bauman chega a indicar um processo de destruição do convívio social,^{VI} o que põe possibilidade de redução das distâncias e melhoramento dos meios de comunicação possibilitados nos últimos anos em contradição.

Dito isto, o filme é extremamente feliz em propiciar essa reflexão ao encerrar o enredo numa cena onde Zuckerberg está sozinho numa sala em frente a uma tela de computador enquanto todos os outros estão em diferentes espaços de convívio social. Obviamente, a análise sobre os impactos da mundialização sobre as relações sociais e as possibilidades de distanciamento e aproximação podem ser interpretadas de várias maneiras, seja na solidão de Zuckerberg até mesmo na capacidade de interação social dessas redes virtuais na promoção de eventos históricos como a recente Primavera árabe.^{VII} O filme de Fincher permite uma análise, mais individualizada e até mesmo mais íntima, mas isso não significa dizer que não existam inúmeras outras formas de percepção sobre os impactos dessas novas tecnologias na construção daquilo que já podemos chamar de sociedade virtual.

Notas



^IGraduado no Curso de História pela Universidade Federal de Sergipe onde integra o Grupo de Estudos do Tempo Presente (UFS-CNPq) e desenvolve pesquisa sobre Cinema, Representações e Intolerância pelo programa de mestrado do Núcleo de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (NPPCS/UFS); Orientador: Professor Doutor Paulo Sérgio da Costa Nevese-mail: pauloteles_aju@hotmail.com

^{II} Ver BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999;

^{III} Idem Ibidem;

^{IV} GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da Modernidade*. São Paulo. ed. Unesp, 1991;

^V Idem Ibidem;

^{VI} Ver BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2004;

^{VII} Refere-se aqui como Primavera árabe a série de manifestações sociais ocorridas no mundo árabe em prol do estabelecimento de governos democráticos em países marcados por regimes ditatoriais.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999;

_____. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2004;

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da Modernidade**. São Paulo. ed. Unesp, 1991.